

**A DIACRONIA E A SINCRONIA NOS FUNDOS DE UM ESPAÇO
DOMÉSTICO: O SOLAR LOPO GONÇALVES.**

Rodrigo Garcia Fraga

Mestrando em História com ênfase em Arqueologia pelo Programa de
Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Orientação Prof^a Dra. Adriana Schmidt Dias (UFRGS)

Contato: rodrigogarciafraga@hotmail.com

Resumo:

O presente artigo versa sobre as práticas de descarte do lixo doméstico do Solar Lopo Gonçalves, disposto em distintas áreas de seus fundos, contrariando as medidas higienistas correntes durante o século XX. A investigação proposta deste pesquisador trata da diacronia e sincronia no processo de descarte de lixo no Solar através de um hábito internalizado neste núcleo familiar. Os artefatos exumados deste espaço doméstico, aliados às informações sobre disposição externa de seu quintal e as implicações sócio históricas dos grupos que o ocuparam, demonstram que ocorreram mudanças nos padrões de comportamento deste núcleo familiar e esse estudo, assim, aborda este espaço a partir de um olhar sobre o século XX.

Palavras-chave: Porto Alegre; Solar Lopo Gonçalves; História; Arqueologia.

**THE DIACHRONY AND SYNCHRONY IN BACKGROUNDS OF AN AREA
DOMESTIC: THE SOLAR LOPO GONÇALVES.**

Rodrigo Garcia Fraga

Mestrando em História com ênfase em Arqueologia pelo Programa de
Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Orientação Prof^ª Dra. Adriana Schmidt Dias (UFRGS)

Contato: rodrigogarciafraga@hotmail.com

Abstract:

This article deals with the household waste disposal practices of Lopo Gonçalves, wrapped in different areas of your funds, contrary to current hygienists measures during the 20th century. The aim of this research addresses the researcher diachrony and synchrony in the process of disposing of trash in Solar through a habit internalized in this family. The artifacts exhumed from this domestic space, allies to information about external layout of your yard and the socio-historical implications of the groups that occupied, show that there have been changes in the patterns of behavior of this family and this study therefore addresses this space from a look at the 20th century.

Keywords: Porto Alegre; Solar Lopo Gonçalves; History; Archaeology.

A Arqueologia nos fundos de um espaço doméstico

Durante as intervenções arqueológicas em 1996 e 2005 nos fundos do Solar Lopo Gonçalves¹ evidenciou-se a existência de três áreas de descarte de lixo doméstico do século XX de seus residentes. Os artefatos exumados mostraram que essas áreas respeitaram os usos das mesmas práticas dos períodos de ocupação do Solar durante o século XIX e o transcurso do XX (até 1946, quando os herdeiros de Lopo venderam a propriedade). Diante disso, percebemos a contínua prática de descarte do lixo doméstico dos residentes do Solar disposto em distintas áreas de seus fundos, ou seja, acreditamos ser pertinente, como objeto de estudo no presente artigo, que uma investigação diacrônica e sincrônica desse processo reflita na compreensão na sua situação de descarte através de um olhar sobre as ocupações do Solar Lopo Gonçalves.

Para tal apreensão, é preciso não somente verificar em qual categoria se enquadra esse refugo doméstico que foi exumado, mas também a sua situação espacial no sítio em relação às estruturas de habitação e outras que porventura tenham sido identificadas, a fim de determinar as áreas preferenciais de descarte e sua variação através do tempo (SYMANSKI, 1998, p.125). Os artefatos característicos de refugo doméstico possuem um ciclo de vida que pode ser dividido, segundo Schiffer, em cinco etapas: manufatura, aquisição, uso, manutenção e descarte. Estes itens materiais nas sociedades pré-industriais e industriais, geralmente penetram o ambiente doméstico pela via da aquisição, seja através da compra, troca, ganho, caça, roubo, coleta ou produção própria (SCHIFFER, 1972, p.03).

Nas intervenções arqueológicas nos fundos do Solar em 2005, coordenadas pelo arqueólogo João Felipe Garcia, evidenciou-se uma lixeira doméstica de seus residentes que mostraram um hábito internalizado nos núcleos familiares, uma prática corrente no século XIX, porém a cultura material evidenciada era do século XX, ou seja, continuaram essas práticas de descarte que faziam parte do cotidiano destes indivíduos e eram, mesmo com o desrespeito aos artigos do Código de Posturas de Porto Alegre de 1892 (WEBER, 1992), que proibiam estas práticas, descartados e enterrados nos quintais domésticos de cada residência. A responsável

¹ Solar Lopo Gonçalves, atual sede do Museu Joaquim José Felizardo, órgão da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre, e que se localiza na Rua João Alfredo 582, bairro Cidade Baixa. O sítio Solar Lopo Gonçalves (RS. JA-04) possui hoje 90m de largura e 227m de profundidade, onde três metros quadrados de seus fundos sofreram intervenção arqueológica. Este mesmo espaço já se estendeu da Rua da Olaria (atual Lima e Silva) até a Rua da Margem (atual João Alfredo) quando de sua edificação (uma casa de porão alto), construída entre 1845 e 1855, “(...) por um rico comerciante português, com uma das faces voltada para a Rua da Margem (atual João Alfredo), [tendo esta] denominação devido ao acompanhamento do antigo traçado do Riacho (atual Arroio Dilúvio)”. GIACOMELLI, Sérgio. **Solar Lopo Gonçalves** – de propriedade rural a Museu de Porto Alegre. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

técnica pelas escavações de 1996 e 2005 foi a arqueóloga Fernanda Tocchetto, cuja descrição a seguir mostra que nosso objeto de trabalho se consubstancia onde, nas escavações de 2005:²

A quadrícula C2a1 revelou-se como a quadrícula mais profícua, tendo em vista que nela foi evidenciada uma lixeira, provavelmente das primeiras décadas do século XX, embora alguns itens materiais possam remontar a períodos anteriores. A partir desta constatação, foram abertas mais três quadrículas contíguas (C2b1, C2b2, C2b10). O material arqueológico começou a aparecer logo aos 4 cm de profundidade na primeira camada (coloração marrom escuro), que projetava-se no máximo até os 7 cm. A segunda camada, entre 7 e 23 cm, apresenta uma coloração mais acinzentada e maior quantidade de material. A terceira camada (preta), evidenciada entre aproximadamente 25 até 40 cm corresponde à lixeira propriamente dita. Neste estrato foram encontradas uma grande variedade e quantidade de materiais, sobretudo do início do século XX. (TOCCHETTO, 2005, p.16)

Em 1996, a primeira intervenção arqueológica no Solar Lopo Gonçalves, o arqueólogo Luis Cláudio Pereira Symanski, que coordenou as escavações no Solar entre 3 de janeiro e 17 de abril de 1996, dividindo o sítio em duas áreas de trabalho, assinala os materiais do século XX encontrados em suas investidas onde, segundo o arqueólogo:

Os poços-testes abertos no ponto indicado pelos jardineiros (quadrículas B7c2, b7c3, B8b1) não forneceram, porém, resultados positivos, sendo evidenciado somente um buraco de lixo do século XX (quadrícula B7c3), cujo material foi provavelmente depositado na época em que o Solar funcionou como um cortiço que abrigava ocupantes de baixa renda. Do mesmo modo, os poços-testes feitos próximos ao local aonde foi aberta a trincheira (quadrículas B2c5, B2d5 [1/2 quadrícula], B2e5 [1/2 quadrícula], C2a5 e C1a5 [1/2 quadrícula]), não apresentaram uma quantidade significativa de material arqueológico, sendo evidenciado, apenas, outro buraco de lixo do século XX, contemporâneo ao primeiro (C2a5). (SYMANSKI, 1998, p.135)

Para Symanski (1998), dentro do ambiente doméstico os itens materiais são utilizados e mantidos até perderem sua funcionalidade. Se o reuso ou reciclagem não são convenientes para seus usuários, ocorre, então, o descarte. Com o descarte os itens materiais deixam de fazer parte do contexto sistêmico, relacionado ao seu ciclo de vida dentro de um sistema cultural, e passam para o contexto arqueológico, tornando-se, assim, objetos de investigação do arqueólogo. (SCHIFFER, 1972, p.03)

² TOCCHETTO, Fernanda Bordin. **Relatório Final da Oficina de Arqueologia Histórica: Capacitação Técnica.** Programa Monumenta (MINC-BID) – Apoio UNESCO: realização da Prefeitura Municipal de Porto Alegre através do Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo (Secretaria Municipal de Cultura), entre 18 de julho e 18 de dezembro de 2005. Acervo de Relatórios das intervenções arqueológicas do sítio RS. JA-04 (Solar Lopo Gonçalves) – Setor de Arqueologia (Museu Joaquim José Felizardo).

Os elementos diacrônicos e sincrônicos no Solar Lopo Gonçalves

A grande maioria do material exumado de sítios domésticos históricos está relacionada a atividades que transcorreram dentro das estruturas de habitação, tais como alimentação, higiene, lazer, e, em alguns casos, trabalho. Os itens materiais, elementos semi-fixos³ utilizados nessas diversas atividades, não eram, no entanto, descartados no mesmo local de uso, mas transportados para locais específicos de deposição de refugo externos às estruturas de habitação. Assim, uma das características desses sítios, é o caráter de deposição secundária da maior parte do refugo produzido dentro da casa.

Schiffer (1972) considera como refugo secundário todo o material de um sítio cujo de descarte final não é o mesmo do local de uso. Já o material descartado em seu contexto original de uso é designado refugo primário. Há, por fim, uma terceira categoria de refugo, concebida como refugo de fato, a qual estão relacionados todos os elementos que alcançam o contexto arqueológico sem o desempenho de atividades de descarte, como, por exemplo, o material que permaneceu sobre o pavimento de uma estrutura após o seu abandono (SCHIFFER. op. cit. p.07-09).

Assim, a presente investigação diacrônica e sincrônica no processo de descarte de lixo no Solar Lopo Gonçalves possui uma roupagem específica: o hábito internalizado no núcleo familiar dos residentes do Solar. Isso porque percebemos que os elementos sincrônicos e diacrônicos posicionados nesta prática compõem a estratégia desta análise, na qual se verificam as práticas ao longo da linha do tempo e de acordo com o seu contexto sócio-histórico. Para Castoriadis (1982):

É impossível manter uma distinção intrínseca do social e do histórico, mesmo se trata de firmar que a história é “atributo essencial” da sociedade, ou a socialidade “pressuposto essencial” da história. Tais enunciados são na verdade, ao mesmo tempo insuficientes e redundantes. Não é que toda sociedade esteja necessariamente “num” tempo ou que uma história afete necessariamente toda sociedade. O social é isso mesmo, alto-alteração, e nada é se não é isso. O social faz-se e só pode fazer-se como história. (CASTORIADIS, 1982, p.252)

Nesse sentido, para a compreensão das práticas de descarte nos fundos do Solar, prevemos que essa linha temporal que a história pressupõe se confunda com o social, onde a ideia é de

³ Para Fernanda Bordin Tocchetto (2010): “Elementos fixos (*fixed-feature*) consistem em edificações, muros, pisos, etc; os semi-fixos (*semi-fixed-feature*), em “móveis”, interiores e exteriores; os não-fixos (*non-fixed-feature*), em pessoas e suas ações.” In: TOCCHETTO, Fernanda Bordin. **Fica dentro ou joga fora?** Sobre práticas cotidianas em unidades domésticas na Porto Alegre oitocentista. São Leopoldo: Oikos, 2010, p.20.

que onde há signo, há um sistema que o informa, histórico e social, e “a sincronia é intrinsecamente diacronizada e diacronizante, como a diacronia é intrinsecamente sincronizante e sincronizada” (CASTORIADIS, op. cit. p. 253). A representação desse passado se insere também nos hábitos que estão presentes no processo de descarte, nessa prática padronizada, consciente e inconsciente, que permeia esse cenário social e histórico.

Para Berger e Luckmann (1973), toda atividade humana está sujeita ao hábito. Qualquer ação frequentemente repetida torna-se moldada em um padrão, que em seguida pode ser reproduzido com economia de esforço e que, *ipso facto*, é apreendido pelo executante como tal padrão (BERGER, P.; LUCKMANN, 1973, p.77). O hábito implica, além disso, que a ação em questão pode ser novamente executada no futuro da mesma maneira e com o mesmo esforço econômico.

As ações tornadas habituais conservam seu caráter plenamente significativo para o indivíduo e para um núcleo familiar, embora o significado em questão se torne incluído como rotina em seu acervo geral de conhecimentos, admitido como certos por ele e sempre presente para os projetos futuros. A formação do hábito acarreta o importante ganho psicológico de fazer estreitarem-se as opções. Ainda de acordo com Berger e Luckmann (1973):

Empiricamente, a parte mais importante da formação do hábito da atividade humana é coextensiva com [sua] institucionalização (...). A institucionalização ocorre sempre que há uma tipificação recíproca de ações habituais por tipos de atores (...). Qualquer uma dessas tipificações é uma instituição. (...) As instituições implicam, além disso, a historicidade e o controle. Não podem ser criadas instantaneamente. As instituições têm sempre uma história, da qual são produtos. É impossível compreender adequadamente uma instituição sem entender o processo histórico em que foi produzida. (BERGER; LUCKMANN, op. cit. p.79)

Os diferentes níveis desses hábitos, essas representações coletivas e simbólicas encontradas em práticas quotidianas, possuem as garantias de sua estabilidade e da continuidade de sua existência, e de representantes individuais ou coletivos. Para Castoriadis (1982), é pela significação imaginária social que se pode fazer com que as coisas existam com que se apresentam e como elas são, mas essa significação não deixa de estar ameaçada. Percebemos que o simbólico pode desempenhar um papel relevante na sociedade, porque muitos dos elementos, das instituições e dos valores sociais existem dentro de uma rede simbólica (CASTORIADIS. op. cit. p.256).

No entanto, não podemos compreender uma sociedade ou uma instituição apenas por sua rede simbólica, composta de signos e significantes, nem puramente por seu sistema funcional, em que determinadas disposições estão destinadas a satisfazer uma série de necessidades das sociedades. Ao analisar o material exumado de um sítio, o arqueólogo recupera evidências que muito podem informar sobre as atividades quotidianas de grupos humanos, relacionadas à produção e reprodução sociais, consumo e socialização. No espaço social do Solar, por mais repetitivos e por mais rígidos que sejam os ciclos de suas atividades e de seus ritos, as práticas de descartes continuaram no pátio.

As mudanças estruturais e simbólicas no Solar Lopo Gonçalves

Embora o que constitua os sistemas ou estruturas desvendadas e suas respectivas ordens culturais sejam signos dessas práticas de descarte, compreender a situação de descarte dos residentes do Solar fornece a chave do seu significado cultural. O conceito de cultura, para Roger Chartier (2015), que aqui adoto, denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida (CHARTIER, 2015, p.35).

A diacronia histórica se apresenta no momento de se estabelecerem os processos de mudanças estruturais ou simbólicas, porque se a estrutura muda, de uma situação anterior para a atual, ou não (no caso a perpetuação das práticas de descarte no Solar), o tempo não pode ser ignorado, pois a estrutura é também diacrônica. A cadeia original, assim, está sempre pronta para servir de referência para interpretar ou retificar as mudanças que se produzem ao longo da sincronia histórica, uma vez que a estrutura é também sincrônica. De acordo com os escritos de Chartier (2015):

O historiador procura situar e interpretar o artefato temporalmente, num campo no qual se cruzam duas linhas. Uma linha é vertical, ou diacrônica, com a qual ele estabelece a relação de um texto ou um sistema de pensamento com expressões anteriores no mesmo ramo de atividade cultural (pintura, política, etc.). A outra é horizontal, ou sincrônica; com ela o historiador avalia a relação do conteúdo do objeto intelectual com as outras coisas que vêm surgindo, simultaneamente, entre outros ramos ou aspectos de uma cultura. (CHARTIER, 2015, p.34)

Os textos ou os documentos arqueológicos, mesmo os que parecem claros ou que estejam *in loco*, não falam ou movimentam-se voluntariamente, a não ser quando sabemos interrogá-los. Nunca em nenhuma ciência a observação passiva gerou algo de fecundo, obviamente que supondo, aliás, que ela seja possível (BLOCH, 2001, p.79). Quando estamos diante da cultura material, interrogações acerca de sua funcionalidade, produção, pertença e descarte fazem parte do repertório primário realizado ao artefato. Mesmo certo de que todo ser humano tem consciência do passado, ou melhor, do período imediatamente anterior aos eventos registrados na memória de um indivíduo, em virtude das distintas convivências em sociedade, a cultura material respeita práticas quotidianas voluntárias ou involuntárias dotadas de significados e significâncias.

Beaudry (2007, p. 79) observa que os sítios arqueológicos domésticos constituem expressões que são, ao mesmo tempo, normativas, pessoais e intransponíveis da unidade mais básica da sociedade em sua interação com a sociedade como um todo. Não obstante, ao permanecer entre o material recuperado de um sítio doméstico e os amplos processos que caracterizam uma sociedade, o grupo doméstico é tido como uma das escalas mais apropriadas para a pesquisa arqueológica, no caso, a disposição da cultura material de uma unidade doméstica e sua relação com um passado que nos é comum. Nesse sentido, para Hobsbawm (2013):

(...) Ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado (ou da comunidade), ainda que apenas para rejeitá-lo. O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana. O problema para os historiadores é analisar a natureza desse “sentido do passado” na sociedade e localizar suas mudanças e transformações. (HOBBSAWM, 2013, p.25)

Entender aspectos da sociedade como ações, situações cognitivas, manifestações sociais a partir da cultura material, isto é, entender o quotidiano unicamente a partir desta análise é restringir os aspectos sociais e econômicos dos grupos em foco, por exemplo. Deve-se perceber outros aspectos como a arquitetura e a distribuição e uso do espaço, onde é possível aproximar da realidade as atitudes refletidas na ocupação e alterações do espaço construído. São características dos indivíduos alterarem suas práticas ao utilizar e reutilizar seus objetos quotidianos. Nesta perspectiva, considero que não foram apenas especificamente os artefatos de louças e vidros que alteraram o comportamento do grupo ou indivíduos residentes no Solar Lopo Gonçalves.

Para Peter Burke (2008, p. 93 - 94), vale a pena chamar a atenção para a referência aos espaços da casa. Pode parecer paradoxal, ainda de acordo com o autor, incluir o espaço na “cultura material”, mas os historiadores culturais, como os da arquitetura, sociologia e geografia, chegam a ler o “texto” de uma cidade ou de uma casa no sentido implícito. A história das cidades ou da arqueologia urbana seria incompleta sem os estudos dos mercados, ferrovias e praças, assim como a história das casas seria incompleta sem os estudos do uso, desuso e reuso de seus espaços interiores e exteriores (ou de seu quintal, indo ao encontro do presente objeto de estudo).

Penso que a compreensão dos processos geradores, seletivos e deposicionais dos artefatos nos fundos do Solar e a análise da sua distribuição espacial, são determinantes para a percepção do processo de descarte de seus residentes, dessa rotina, comportamento ou hábito. Para Hobsbawm (2013), a história não tem nenhuma fórmula simples para descobrir as consequências exatas de mudanças e práticas quotidianas, ou as soluções para os problemas que provavelmente podem ser gerados, no caso o fato de infringir o Código de Posturas em vigor em Porto Alegre de 1892 (WEBER, 1992), que proibia o descarte e posterior enterro de lixo doméstico nos pátios residenciais. Mas a história pode definir uma dimensão urgente do problema, a saber, através de uma redistribuição social dentro do espaço doméstico (HOBSBAWM, 2013, p.55).

Destarte, as evidências materiais provenientes de espaços domésticos dificilmente podem ser atribuídas a indivíduos específicos. Relacionadas às mais diversas atividades que foram realizadas dentro e fora das estruturas de habitação, essas evidências fornecem informações sobre o grupo doméstico como um todo. Com a cultura material, podemos prever um recorte cronológico aproximado dos residentes de um espaço doméstico a partir de sua análise. O diálogo com a pesquisa histórica, assim, pode aproximar à crível temporalidade desse espaço, juntamente com os hábitos dos residentes que tendem a respeitar o seu tempo.

O registro arqueológico de um espaço doméstico

Por meio das representações e não pela racionalidade, podemos ter acesso a compreender o conhecimento sócio histórico. Elas podem ajudar a dizer quem somos, o que fazemos e como fazemos em cada sociedade. De acordo com os escritos de Chartier (2015), a função da “representância” da história (definida como “a capacidade do discurso histórico para

representar o passado”) é constantemente questionada, suspeitada pela distância necessariamente introduzida entre o passado representado e as formas discursivas necessárias para sua representação (CHARTIER, op. cit. p.23).

Não obstante, para Bourdieu (1989), dentro de uma representação, não só os hábitos, práticas quotidianas ou a rotina individual e coletiva de um núcleo familiar, mas sim a posição de um determinado agente nesse espaço social é que pode ser definido como representativo desse homem, no caso dos residentes do Solar, como membro da sociedade. Isto é, entendo as práticas de descarte dos familiares de Lopo Gonçalves como agentes representativos dentro desse espaço social no período novecentista. A definição no espaço social, nesse modo:

Pode-se assim representar o mundo social em forma de um espaço (a várias dimensões) construído na base de princípios de diferenciação ou de distribuição constituídos pelo conjunto das propriedades que atuam no universo social considerado, quer dizer, apropriadas a conferir, ao detentor delas, força ou poder neste universo. Os agentes e grupo de agentes são assim definidos pelas suas posições vizinhas, quer dizer, numa região determinada no espaço. (BOURDIEU, 1989, p.133-134)

Entender a estrutura do Solar Lopo Gonçalves como agência composta por seus elementos fixos, semifixos e não-fixos, é apreender que a história da sociedade é *história*, ou seja, ela tem como uma de suas dimensões o tempo cronológico real (HOBSBAWM. op. cit. p.117). Para Johnson (2010), agência e estrutura são analiticamente distintas, porém, apesar disso, entremeadas: cada uma é produto da outra quando são observadas de diferentes pontos dentro de um fluxo histórico. Para explicitar as estruturas, deve-se olhar para as condições nos níveis individuais e coletivos, e para o dia-a-dia das interações sociais (JOHNSON, 2010, p.168). A cultura material nesta perspectiva não só é reflexo direto do comportamento humano, mas também uma transformação desse comportamento.

É necessário que a leitura do registro arqueológico leve em consideração suas transformações culturais. O presente artigo não se propõe necessariamente à preocupação apenas com estruturas e seus mecanismos de constância e mudança, bem como com as possibilidades gerais e padrões de suas transformações, mas também com o que se aproxima do crível dentro dessa unidade doméstica, nesse espaço social. Entendo que as unidades domésticas se caracterizam como espaços onde a rotina das ações dos sujeitos são discerníveis, resultando em uma fecunda relação ao se interpretar práticas, o lugar onde se vive e a vida quotidiana.

Acredito que é no cotidiano onde são concebidas os múltiplos anseios e capacidades individuais e coletivas, reflexões e atividades humanas. As práticas quotidianas de descarte de lixo nos fundos do Solar Lopo Gonçalves pelos grupos domésticos ligados ao seu núcleo familiar indicam um descumprimento das medidas higienistas veiculadas pelo discurso médico, principalmente considerando o período de uma maior disciplina correspondente às últimas décadas dos oitocentos e o princípio do século XX (TOCCHETTO, 2010, p.273). Depositar o lixo produzido no quintal das residências, como observado no presente contexto arqueológico, era, assim, uma atividade rotineira, repetitiva, e que se realizava de maneira semelhante, dia após dia (TOCCHETTO. op. cit. p.267). O caráter rotinizado desta prática, no entanto, não reduz a sua dimensão reflexiva neste espaço.

Para Peter Burke (2008, p. 76 - 77), no caso, as dimensões reflexivas neste *campo* referem-se ao domínio autônomo que, em dado momento, atingem a independência em uma determinada cultura e produzem as próprias convenções culturais, isto é, os hábitos adotados nas práticas de descarte sincrônicas e diacrônicas dos agentes e atores sociais, ou melhor, da agência que compreende os residentes do Solar. Nesse sentido, Johnson (2010) consubstancia a asserção anterior quando destaca que:

(...) O ator social saberia muito bem sobre o modo como operava a sociedade, e seria mais ou menos capaz de reafirmar, manipular ou transformar essas regras de operação em determinada situação social. Vale a pena notar que, mesmo nessa concepção de ação social manifestadamente não estruturalista, o ator somente pode conduzir essa estratégia tendo como referência alguma “estrutura” ou *habitus* pré-existente e “externo”, em um dado momento. Mesmo se historicamente essa estrutura ou *habitus* é fluida e em constante mudança. (JOHNSON, 2010, p.151)

A estrutura, também, pelo simples fato de existir, controla a conduta humana estabelecendo padrões previamente definidos de hábitos que são internalizados, que, para Berger e Luckmann (1973, p. 80), canalizam-na em uma direção por oposição às muitas outras direções que seriam teoricamente possíveis. Geralmente, as ações repetidas uma vez, ou mais, tendem a se tornarem habituais até certo ponto, assim como todas as ações observadas por outros, necessariamente, envolve alguma tipificação por parte deste outro. (BERGER, P.; LUCKMANN, T. op. cit. p.83)

Embora haja uma história que antecede o nascimento do indivíduo, os hábitos e as práticas rotinizadas estão presentes e são exteriores a esse indivíduo, ou seja, o cotidiano tende a orientar a conduta humana através do que é internalizado, voluntariamente ou não, a partir da estrutura ou agência. Para Johnson (2010), o estudo da agência não pode ser separado do

estudo da estrutura: a agência é uma manipulação de uma estrutura existente, uma estrutura que é externa ao indivíduo e que se apresenta ao agente como um construto sincrônico, como algo a ser delineado a partir dele. Quando se busca entender a agência humana, deve-se estar preparado para descrever as condições históricas antecedentes, o *habitus* no qual estes atores atuam, em uma maneira sincrônica e normativa, de modo a obter a compreensão destas ações. (JOHNSON, 2010, p.167)

Acredito que não exista um dualismo entre sujeito e sociedade. Os indivíduos são regulares e conscientes enquanto que, ao mesmo tempo, suas ações estão situadas em condições inconscientes e possuem consequências não intencionais (JOHNSON. op. cit. p.152). O agente é um sujeito ativo e descentralizado, e suas ações podem ser consideradas propositais, determinadas, voluntárias, conscientes ou involuntárias. A conduta social é orientada, assim, através da estrutura ou da agência, como parte do comportamento cotidiano. A abordagem ou conduta social e histórica busca captar, simultaneamente, as dimensões sincrônica e diacrônica, sem tomar como absoluta a distinção entre elas.

Obviamente que o domínio social pressupõe uma distinção entre diacronia e sincronia, ou mesmo o domínio histórico ou temporal, contudo é pertinente que essa distinção seja válida em uma forma provisória, circunstancial. Isso porque, sincronia, em linhas gerais, implicando em uma perspectiva contínua, através de uma dinâmica evolutiva, e diacronia em uma inscrição momentânea deste tempo linear, implicando em mudanças estruturais, o domínio deve ser de uma totalidade sócio histórica e não de um panorama parcial da visão de mundo do crível. Destarte, para Bourdieu (1989):

A teoria mais acentuadamente objetivista tem de integrar não só a representação que os agentes têm do mundo social, mas também, de modo mais preciso, a contribuição que eles dão para a construção de visão desse mundo e, assim, para a própria construção desse mundo, por meio do *trabalho de representação* (em todos os sentidos do termo) que continuamente realizam para imporem a sua visão do mundo ou a visão da sua própria posição nesse mundo, a visão da sua identidade social. (BOURDIEU, 1989, p.139)

Integrar a contribuição de uma visão de mundo e entender que o diálogo dessa visão de mundo (com o contexto em que está inserida) pressupõe que o agente social nesta “representância” exerce um poder dentro de um quadro social ou de uma unidade social. O saber histórico, de acordo com Chartier (2015, p. 24), é conduzido pelas exigências existenciais das comunidades para as quais a presença do passado no presente é um elemento essencial da construção de seu ser coletivo. E esse saber histórico pode contribuir para

dissipar as ilusões ou os descontentamentos que durante longo tempo desorientam as memórias coletivas.

Considerações finais

Os artefatos exumados do Solar Lopo Gonçalves, aliados às informações sobre disposição externa de seu quintal e as implicações sócio-históricas dos grupos domésticos que o ocuparam dentro de um contexto urbano, demonstram que ocorreram mudanças nos padrões de comportamento dos ocupantes desse espaço ao longo do século XX, porém no que diz respeito às áreas de descarte. Isso porque percebo que a diacronia “reivindica” o seu lugar, pois se a sincronia e as estruturas lineares implicam em um recurso constante à história, mostrando que instituições se transformam através de uma sucessão de acontecimentos, a presente unidade doméstica se apresenta como palco das transformações do cotidiano do Solar.

Além das transformações nos seus limites e práticas rotineiras, portanto, as mudanças de uma estrutura para a outra e as transformações estruturais, dialogam com a totalidade de seu espaço. Obviamente que a totalidade histórica do Solar Lopo Gonçalves pode ser obtida somente na soma de todos os seus tempos, individuais e coletivos, sociais e históricos, sincrônicos e diacrônicos. Não obstante, essa totalidade não está presente integralmente em nenhum desses tempos. Os acontecimentos e a descrição de um cenário conjuntural e estrutural não são capazes por si mesmos de oferecer a totalidade da história ou a simples compreensão da situação de uma unidade doméstica mesmo através de sua cultura material, o que para este pesquisador seja a fonte histórica *in loco*. Os limites de quaisquer pesquisas estão na compreensão de que a totalidade, talvez, esteja em uma conjuntura que nos é inacessível.

Referências bibliográficas

BEAUDRY, M. C. Artefatos e vozes ativas: cultura material como discurso social. Belo Horizonte: **Vestígios Revista Latino-americana de Arqueologia Histórica**, v.1, nº2 (p.71-114), 2007.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1973.

- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2015.
- GIACOMELLI, Sérgio. **Solar Lopo Gonçalves** – de propriedade rural a Museu de Porto Alegre. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- JOHNSON, Matthew H. Concepções de agência em interpretação arqueológica. Belo Horizonte: **Vestígios Revista Latino-americana de Arqueologia Histórica**, v.4, nº2 (p.147-173), 2010.
- SCHIFFER, Michael. Archaeological context and systemic context. **American Na tiquity**, 37 (2), 1972.
- SYMANSKI, Luis Cláudio Pereira. **Espaço Privado e Vida Material em Porto Alegre no século XIX**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- TOCCHETTO, Fernanda Bordin. **Fica dentro ou joga fora?** Sobre práticas cotidianas em unidades domésticas na Porto Alegre oitocentista. São Leopoldo: Oikos, 2010.
- TOCCHETTO, Fernanda Bordin. **Relatório Final da Oficina de Arqueologia Histórica: Capacitação Técnica**. Programa Monumenta (MINC-BID) – Porto Alegre: Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo (Secretaria Municipal de Cultura), entre 18 de julho e 18 de dezembro de 2005.
- WEBER, Beatriz Teixeira. **O código de posturas e regulamentação do convívio social em Porto Alegre no século XIX**. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

Recebido: 29/11/2015 – Aprovado: 02/05/2016